

Paraisópolis: a versão piorada da Favela Naval, episódio que mudou a PM em 1997

Ação em Paraisópolis trouxe à tona cenas que nos fazem ter uma sensação de déjà-vu em relação à Favela Naval, que ensejou transformações radicais nos padrões operacionais da PMESP

MARCELO CHELLO/FOLHAPRESS



Em protesto, moradores da comunidade de Paraisópolis carregam cartazes com os rostos dos jovens mortos após ação da Polícia Militar; eles exigem respostas das autoridades

Em 31 de março de 1997, o Jornal Nacional, da TV Globo, exibiu imagens gravadas por um cinegrafista amador, nas quais policiais militares apareciam torturando e extorquindo moradores da Favela Naval em Diadema, em uma suposta blitz. As imagens mostram também o então policial militar conhecido como Rambo executando o mecânico Mário José Josino a tiros.

O caso gerou indignação nacional à época, mostrando uma polícia extremamente violenta, truculenta e pouco profissional. O choque com as imagens fez com que, nos dias que se seguiram ao evento, o então governador Mario Covas tomasse atitude radical com o lançamento de um pacote de medidas para reduzir o poder da polícia militar. Esse pacote continha uma proposta de emenda constitucional de unificação das polícias, com a polícia militar sendo extinta e seus profissionais absorvidos pela polícia civil. Embora não tenha sido aprovada, a medida representou de fato uma enorme ameaça à existência da PM, que decidiu realizar alterações profundas em seu modelo de trabalho.

Uma pesquisa Datafolha produzida com a população de São Paulo pouco tempo após o episódio indicava que 74% dos respondentes tinham medo da polícia e 73% acreditavam que a polícia era violenta em suas ações. Policiais da época relatam uma série de constrangimentos e preconceitos a que foram submetidos após o episódio da Favela Naval. Qualquer praça ou oficial, agentes do Estado para a garantia da lei, de repente era um agressor em potencial para a sociedade, tal foi o impacto negativo que o evento produziu.

A PMESP lançou então uma campanha interna de valorização da imagem do policial, batizada de “Somos muitos, não somos alguns”, e criou o programa de gestão pela qualidade, desenvolvido pelo então tenente-coronel Renato Aldarvis. O programa

pretendia aportar novos mecanismos de gestão aos procedimentos da organização, assim como introduzir mudanças culturais, e foi realizado através de um convênio com o Sebrae, com foco em treinamentos e na implantação de um sistema de avaliação de desempenho profissional. Neste período a PMESP inaugurou o tripé que orienta sua ação: policiamento comunitário, direitos humanos e gestão pela qualidade, profissionalizando de vez a corporação.

Infelizmente a ação da PMESP na favela de Paraisópolis em São Paulo durante um baile funk trouxe à tona cenas que nos fazem ter uma sensação de *déjà-vu* em relação a Favela Naval. O não cumprimento dos protocolos para lidar com eventos de controle de distúrbios civis e as imagens que mostram policiais militares agredindo de forma brutal jovens na festa demonstram o enorme desafio, ainda posto, de transformar a cultura organizacional e o padrão de uso da força da corporação. O caso de Paraisópolis deveria ensejar mudanças ainda mais profundas na PMESP do que Favela Naval.

Em um primeiro momento, o governador, o secretário da Segurança Pública, o secretário da Segurança Executiva da PMESP e o próprio comandante da PMESP tentaram minimizar o ocorrido, deixando que um tenente-coronel fazer uma extrema defesa corporativista, assumindo a função de conversar com a imprensa e a sociedade. Uma cegueira que persiste há tempos entre a PMESP. Logo na segunda-feira, o governador de São Paulo, em coletiva de imprensa, disse categoricamente que a polícia sob o seu comando não havia errado e que a culpa de quase uma dezena de mortos era exclusivamente de criminosos. Com a pressão social e da mídia, e o pronunciamento do ministro Sergio Moro que criticou veementemente a ação da PMESP, o governador rapidamente mudou o tom e passou a criticar a ação policial e ordenar a revisão de protocolos e da maneira de atuar.

O atual clima do Brasil, em que uma densa névoa radical de extrema direita e conservadora domina a cena, faz com que a visão das pessoas que exercem o poder na Segurança Pública e o comando do Poder Executivo fique turva no que tange ao respeito de direitos fundamentais das pessoas. A necessidade de recuo do governador de São Paulo mostra que a opinião pública reage fortemente diante do absurdo de tantos jovens perderem a vida, ao que tudo indica, por uma ação indireta de PMs. Se o caso da Favela Naval ensejou mudanças expressivas e o aumento da profissionalização da PMESP, o caso de Paraisópolis mostra que mesmo após esse movimento de reformas internas à PMESP 22 anos antes, temos que percorrer um longo caminho para que nossas polícias atuem de forma profissional, técnica e guiada por princípios democráticos.

A chave, agora, é da mudança da mentalidade do curriculum informal que os policiais aprendem após saírem das escolas de formação e academias de polícia. Esta chave ainda não foi mexida pelas instituições policiais. Nada adianta ter horas e mais horas de ensino de Direitos Humanos se o policial na ponta da linha não compreender que ele precisa ser agente que busca preservar, acima de tudo, a vida e respeitar direitos.

Nada adianta gastar milhões em peças publicitárias dizendo que se pode confiar na polícia se no dia a dia das periferias a polícia age de forma que não inspira confiança. Para evitar que em 2040 cenas como a da Favela Naval e de Paraisópolis se repitam, é preciso mudar a forma dos policiais perceberem quem eles são e como eles devem atuar. Para isso é preciso investir muito mais em formação de lideranças que consigam entender as características do mundo atual. É preciso, ainda, desenvolver um melhor controle social das polícias, algo ainda muito tênue no Brasil. Paraisópolis e a Favela Naval são dois lados da moeda de policiais que se percebem como guerreiros da ordem e que atuam sem controle. Não há polícia forte sem mecanismos de controle e supervisão fortes. Se eles fraquejam, as milícias dominam.

<https://backup.forumseguranca.org.br/tema-da-semana/template-1-tema-da-semana-kaub5>

